

(AUTO) FORMAÇÃO PARA A PESQUISA DE LICENCIANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIA COM NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Samara Moura Barreto de Abreu^{1*}; Silvia Maria Nóbrega-Therrien²;
Heraldo Simões Ferreira²

Agradecimentos: Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará –IFCE Campus Canindé; Ao Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE UECE; aos Grupos de Pesquisa: Educação, História e Saúde Coletiva (UECE); Educação, Saúde e Exercício Físico (IFCE) e ao Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Física Escolar (GEPEFE/UECE)

RESUMO

Ao identificar-se uma situação-limite relativa à formação para a pesquisa, que se encontrava espelhada na dificuldade de tessitura do trabalho monográfico no Curso de Licenciatura em Educação Física (CLEF) em todo o Brasil, notadamente no IFCE de Canindé-CE, toma-se como mote essa problemática para buscar propositivas que (re)orientem esta formação, na perspectiva de estreitar a relação pesquisa e ensino. O objetivo maior da investigação foi compreender as narrativas autobiográficas como dispositivo na (auto)formação para a pesquisa de licenciandos em Educação Física. Investe-se no método (auto)biográfico centrado

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Canindé, Brasil. Rodovia BR 020, Km 303, s/n - Jubaia, Canindé - CE, 62700-000 samaraef@hotmail.com

2 Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Brasil. silnth@terra.com.br, heraldo.simoese@uece.br

em fontes das histórias de formação, no campo da pesquisa de abordagem qualitativa, na experiência de uma pesquisa-formação, materializada pelo Curso Convivências. Seis licenciandos do CLEF do IFCE Canindé foram os sujeitos-atores nessa investigação. Diante dos dilemas formativos apresentados, na história de formação dos licenciandos, sobretudo focalizada na pesquisa, os sujeitos estiveram convivendo, empoderados do conhecimento epistemológico, técnico, afetivo e dialógico, desvelados sobre o conhecimento de si e do outro, na relação da ‘ensinagem’ para a pesquisa por meio das narrativas autobiográficas. Conforme a experiência vivida, reafirma-se que as narrativas autobiográficas possibilitam um melhor entendimento dos processos formativos pelos sujeitos, colocando-os em lugar de protagonista, exprimindo uma autonomização e responsabilização sobre suas aprendizagens. *Palavras-chaves: Formação para a Pesquisa, Educação Física, Narrativas, Autobiografia.*

INTRODUÇÃO

Ainda se reverbera, neste século XXI, em grande parte de instituições formadoras, o pensamento sobre a Educação Física virtualizado a uma prática hegemônica eminentemente técnica, limitando os espaços de formação reflexiva nos diversos cenários educativos, incluindo o Ensino Superior. Nesse sentido, avistamos a confluência de diversos tipos de racionalidades sobre o domínio epistêmico da área, sobremaneira, a racionalidade técnica (Alves & Carvalho, 2015). Como desafio, ainda operamos na perspectiva de uma “intelectualização” que caminhe sobre uma prática epistemológica contextualizada com a realidade sócio histórica e sistematizada pela ação didático-pedagógica que aponte para uma emancipação dos atores sociais (no caso docente e discentes).

A virada epistemológica na década de 1980 como movimento das Ciências Sociais e Humanas alude ao movimento de (re) colocação dos professores na centralidade dos debates educativos e dos eixos temáticos de investigação com o movimento das “histórias de vida”, “autobiografias” e “biografias educativas”. O alargamento pelas décadas de 1990 até chegar aos dias atuais (2016) em torno de pensar a história de vida e formação docente por meio de narrativas autobiográficas como sujeito-autor de sua práxis humana e entendendo-a como construto histórico-social, nos faz considerar que, conhecer o sujeito dessa ação é também (re)conhecer o mundo/sociedade a que ele pertence. Para além de conhecer o mundo/sociedade ao qual o sujeito pertence, torna-se importante percebê-lo nele inserido como sujeito histórico (Ferrarotti, 1988).

Nesse movimento perceptivo, se inscrevem as narrativas autobiográficas que permitem a apreensão peculiar dos processos de formação, bem como sobre a compreensão de seus elementos formadores. “São elementos provenientes do pensamento reflexivo do próprio sujeito que os expressa pela tomada de consciência individual e coletiva, sendo portanto, considerado um processo de (auto)formação” (Nóvoa & Finger, 2014, p. 23) e reflexividade (Schön, 1992).

Nessa interface, depreendemos que as narrativas autobiográficas podem constituir-se como dispositivo pedagógico, entendendo-o como “qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo” (Larossa, 2002, p.57), com inclinação para a percepção do professor como sujeito crítico-reflexivo. Ao buscarmos propositivas que (re)orientem, a formação para a pesquisa na Educação Física (EF) a partir de autonomização dos processos formativos, projetada nos dilemas permeados nos Cursos de Licenciatura em

Educação Física em todo o Brasil (Ducca et al., 2011), notadamente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) campus Canindé, estávamos indo de encontro também à subjetivação e, portanto, do conhecimento de si e do outro na condição de sujeitos em formação.

Neste sentido, encontramos nas narrativas autobiográficas a fortaleza de constituir-se como dispositivo na formação para a pesquisa na EF, uma vez que ela permite a tomada de consciência a partir da (meta) reflexão, “na e sobre a ação” (Schön, 1992), podendo produzir processos emancipatórios gestados pela autoconsciência e autoconhecimento (Souza, 2006) de discentes e docentes no Ensino Superior, na perspectiva de estreitar a relação pesquisa e ensino.

Partindo desse pensamento, elencamos como ancora teórico-metodológica os estudos de Josso (2004), Souza (2006), Nóvoa (1992, 2014), Pineau (1988) e Ferrarotti (1988, 2014), articulado ao conceito de dispositivo pedagógico (Larrosa, 2002) para compreender como as narrativas autobiográficas se revelam (auto)formadora para a pesquisa cujo entendimento é feito sobre o lugar de transformação da experiência de si e o lugar da aprendizagem ou das modificações relacionais do sujeito consi-gomesmo.

A escolha desses pressupostos teórico-metodológicos é justificada pela limitação de estudos que evidenciam a contextualidade das narrativas autobiográficas na interface da formação de professores, sobretudo, na perspectiva da autoformação, conforme trabalho do “tipo estado da arte” realizado por Bueno et al. (2006) cuja constatação foi feita sobre a rarefação de estudos que versam sobre o método autobiográfico/história de vida na perspectiva da pesquisa-formação estreitada a docência.

Neste sentido, desenvolvemos um estudo de campo na perspectiva da pesquisa-formação por meio da constituição do

Curso de Con-vivências, com alunos do 5º semestre do CLEF do IFCE-Canindé cujo objetivo maior foi compreender as narrativas autobiográficas como dispositivo pedagógico na formação para a pesquisa de licenciandos em EF.

MÉTODO

A realidade espelhada no CLEF do IFCE (também) sobre a formação para a pesquisa em EF refletida sobre as dificuldades na elaboração da monografia nos convidava a pensar numa experiência que pudesse ser (auto)formadora e que buscasse amparar os dilemas sobre a formação para a pesquisa articulada a uma relação de ensinagem.

Com essa intencionalidade, elegemos o método (auto)biográfico para realização no nosso estudo, estreitado a pesquisa-formação, centrados nas histórias de formação, o qual se insere no campo da pesquisa de abordagem qualitativa e paradigma interpretativo. Conforme aponta Ferrarotti (2014), o método (auto)biográfico conduz o pesquisador a reconhecer um saber construído coletivamente, nas relações intersubjetivas entre os sujeitos. Dessa forma, se constitui um saber situado, inserido e incorporado (Ferrarotti, 2014).

Na pesquisa-formação “cada etapa da pesquisa é uma experiência a ser elaborada para quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre formação e os processos por meios dos quais ela se dá a conhecer” (Josso, 2004 p.141). Além disso, ela “revela um interesse biográfico que se aproxima da formação do ponto de vista do sujeito aprendente, ou seja, como metodologia onde a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação” (Josso, 2004, p.15).

AMOSTRA

Constituíram-se sujeitos-atores da investigação, seis alunos do CLEF do IFCE inseridos na itinerância do trabalho monográfico participantes do Curso de Extensão Con-vivências na Formação Inicial para a Pesquisa, instituído como lócus dessa pesquisa - formação. Vale ressaltar que, na lógica qualitativa, a representação numérica de participantes não se torna elemento chave para a realização da pesquisa, já que se busca a apreensão aprofundada da realidade, com análise interpretativa das falas e ações dos envolvidos, e não somente a quantificação estatísticas de dados.

Os critérios de inclusão foram: a) alunos (as) que estiveram cursando o TCC I e TCC II, no semestre 2014.1 e 2014.2, respectivamente, cuja temporalidade foi equivalente ao período de agosto de 2014 a abril de 2015, destinado ao Curso de Extensão Con-vivências; b) participação exitosa no Curso de Extensão Con-vivências na Formação Inicial para a pesquisa, ciclos I e II, com 75% de aproveitamento nas atividades online e 80% nas atividades presenciais. c) frequência de 100% na participação dos Grupos Reflexivos; d) assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); e, do Termo de Cessão, como procedimentos éticos da pesquisa, ancorados sobre a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. A caracterização dos sujeitos-atores é descrita na Tabela 1.

Tabela 1:

SUJEITO- AUTOR	IDADE	SEXO	NATURALIDADE	TIPO DE INSTITUIÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL	TIPO DE INSTITUIÇÃO EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL	TIPO DE INSTITUIÇÃO ENSINO MÉDIO
SUJEITO 01	26	Feminino	Fortaleza- CE	Pública	Pública	Pública
SUJEITO 02	23	Feminino	Canindé -CE	Não - formal	Pública	Pública
SUJEITO 03	20	Feminino	Canindé - CE	Privada	Particular	Particular (1 e 2 ano) Pública (3 ano)
SUJEITO 04	21	Feminino	Fortaleza- CE	Privada	Particular	Particular
SUJEITO 05	20	Masculino	Nova Russas – CE	Privada	Particular	Particular
SUJEITO 06	22	Masculino	Canindé - CE	Privada	Pública	Pública

Caracterização dos Sujeitos-Atores

Nesse sentido, na contextualidade do Curso Con-vivências demos vozes aos sujeitos-atores a partir das narrativas autobiográficas para que pudéssemos extrair um olhar diante das relações, dos dilemas, dos processos reflexivos, dos diálogos e dos silêncios que contemplam esse processo de apreender a pesquisa e se colocar diante do ser professor pesquisador em formação, ressaltando que “a importância da reflexividade do sujeito, atuante na sua expressão e, ao mesmo tempo, na interação intersubjetiva, contribui cientificamente para conferir a esse sujeito um estatuto ativo de pesquisador” (Pineau, p.125, 2012).

INSTRUMENTOS

A partir desses seis sujeitos-atores apreendemos a realidade investigada e conduzimos a percepção e discussão sobre a formação para a pesquisa em EF no contexto formação de licenciandos no itinerário da monografia. Essa contemplação foi proveniente das atividades desenvolvidas no curso de Extensão – Curso Con-vivências, na modalidade semipresencial, as quais

permearam: a construção das narrativas autobiográficas como despertamento para o movimento de autoformação, as quais se constituíram corpus da nossa análise.

As narrativas autobiográficas foram produzidas sobre a participação nas atividades dialogadas estreitadas ao curso (fóruns, tira-dúvidas) e grupos reflexivos como espaço colaborativo e como palco de reflexão dos dilemas e aprendizagens apresentadas em torno da experiência vivida. Nesse espaço da pesquisa-formação, que teve duração de oito meses, apreendemos o corpus da nossa análise, ancorada pela dialogicidade produzida pelo Curso Con-Vivências em torno das narrativas autobiográficas.

PROCEDIMENTOS

Após apreensão do corpus utilizamos a análise interpretativa compreensiva (Ricoeur, 1996) a qual nos coloca diante da percepção das singularidades dos diálogos dos seis alunos no processo de pensarem os seus trabalhos a partir da experiência da narrativa de si (Souza, 2006). Tomamos como elemento de triangulação desse entendimento e análise a relação entre o objeto de estudo, seus objetivos e a perspectiva da pesquisa-formação.

Caminhamos por essa estrada no intuito de desvelamento das ocorrências e inoportunidades expressas no conjunto de narrativas tomando a figuração da “leitura em três tempos” utilizada por Souza (2006, p.79) por considerar o tempo de lembrar, narrar e refletir sobre o vivido. Desta forma, a interpretação aconteceu desde o momento inicial da investigação-formação- tanto para o pesquisador, quanto para os sujeitos envolvidos no projeto de formação, a qual se organizou a partir dos seguintes tempos: a) Tempo I: Pré- análise /leitura cruzada; b) Tempo II: Leitura temática – unidades de análise descritivas; c) Tempo III: Leitura interpretativa-compreensiva do corpus.

Pensamos ao expor o nosso tipo de pesquisa, abordagem e paradigma ter embarcado em uma aventura biográfica cujos caminhos nos levaram a novas aprendizagens, e, portanto, nos deixando com o sentimento de desvelamento de uma experiência formadora.

RESULTADOS

Ancoradas ao conceito de dispositivo pedagógico (Larrosa, 2002) apreendemos as narrativas autobiográficas produzidas na realidade do Curso Con-vivências buscando dar visibilidade ao movimento de (trans)formação a partir da experiência vivida cuja tônica se coloca numa dimensão retrospectiva e também prospectiva na relação identitária dos sujeitos-atores.

Desvelamos que o ato de escrever/narrar mobiliza o sujeito-ator a “viver sua singularidade, a partir do investimento em sua interioridade e no conhecimento de si, através dos questionamentos sobre suas identidades” (Souza, 2006, p.296). Da mesma forma, fomentamos que “a conscientização é exigência humana, é caminho para pôr em prática a curiosidade epistemológica” (Freire, 1996, p.31):

As narrativas autobiográficas eram essenciais, em um período onde fiquei sobrecarregado e fechado para muitas coisas externas. Com elas colocamos para fora nossos sentimentos, e como estava nossa construção. Olhar para mim. Assim foi um movimento de superação, tanto na etapa da pesquisa [fazer] como na etapa do ser pesquisador (Sujeito3).

Para além do conhecimento de si, o conhecimento do outro posto numa condição de intersubjetividade por meio das narrativas autobiográficas também vai se constituindo a reflexividade crítica numa perspectiva de simetria invertida:

A gente se torna mais crítica. A partir de perguntas que lançamos a nós mesmos. De estarmos debatendo temas de outros colegas. Autonomia de me colocar no objeto do outro. Você consegue saber corrigir e até se acha orientador. Todo esse processo de construção do seu trabalho que te leva a criticidade, pela capacidade de enxergar-se no outro (Sujeito 1).

Além da experiência do diálogo, o ato de narrar esteve como dispositivo do pensamento reflexivo entoadado pelo processo de autoconhecimento, responsabilização e autonomia. “Mas o que importa é que durante todo esse processo você se auto-conhece, percebe seus limites, aprende que dificuldades são postas para serem enfrentadas e que ninguém é tão intelectual que não possa aprender com o outro” (Sujeito 3).

Além disso, também despertaram para um olhar prospectivo sobre os projetos de vida, projetando-se na perspectiva do desenvolvimento profissional, onde a pesquisa é ensejada: “Meu eu-pesquisador não quer parar por aqui, ele grita dentro de mim que quer mais, quer aprender o que ainda lhe falta ensinar. E preciso que nós conheçamos mais além do que sabemos hoje [...] (Sujeito2).”

Na mesma interface de um olhar prospectivo sobre as experiências formadoras, aflorou o entendimento que a “formação é inevitavelmente um trabalho reflexivo sobre os percursos da vida” (Nóvoa, 2014, p.153): “Este processo narrativo foi importante. Possibilitou muito a reflexão do momento que estávamos vivenciando, da formação, da formação que virá. Possibilitou saber que temos que ir muito mais além. Nunca parar.”(Sujeito 2). É também a expressão de um processo de inacabamento (Freire, 1996).

DISCUSSÃO

Percebemos, portanto, uma conformação dialética produzida pelas narrativas autobiográficas, “entre a acção dos outros

(heteroformação) e a do meio ambiente (ecoformação), e de forma sobreposta, parece existir, ligada a estas últimas e dependente delas, mas à sua maneira, uma terceira força, a do eu (autoformação) [...]” (Pineau, 1988, p. 65) (grifos nossos).

Também verificamos que as narrativas dos sujeitos evocaram a compreensão de um saber constituído que tensiona/mobiliza a dimensão pessoal e profissional (re)conhecendo os limites e os enfrentamentos do ser pesquisador num processo de existência motivacional e espiritual. O sentimento vivo de que “o melhor saber é aquele que sabe superar-se” (Demo, 2001, p.16).

(Res)significamos o conceito de formação articulado ao ser pesquisador sob o movimento de permanente reflexividade sobre o vivido e pela ideia de inacabamento humano, projetado pelo olhar retrospectivo e prospectivo pois, “que vale uma experiência que não deixe, atrás de si, uma significação ampliada, uma melhor compreensão de alguma coisa, um plano e um propósito mais claro de ação futura, em suma, uma ideia? (Dewey, 1959, p. 156). Assim, pensamos ter ido ao encontro a uma racionalidade pedagógica substanciada pela intersubjetividade, dialogicidade e afetividade uma vez que construímos um caminho de maior autonomia diante de uma prática reflexiva a partir das narrativa-sautobiográficas.

Tais características despertadas no Curso Con-vivências vão de encontro a uma experiência formadora uma vez que incute a apreensão de atitudes, comportamentos, pensamentos, o saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades articuladas conscientemente, elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação (Josso, 2004).

Fundamentalmente, torna-se emergente a aberturas de novas relações sobre o tecido dialógico e que nela sejam inscritas novas histórias de formação e pesquisa estreitadaem especial a Educa-

ção Física sobre a fascinante aventura biográfica, como movimento epistemológico crítico-reflexivo na (auto)formação de professores.

CONCLUSÕES

Conforme a experiência vivida, reafirmamos que as narrativas autobiográficas possibilitam um melhor entendimento dos processos formativos pelos sujeitos, colocando-os em lugar de protagonista, exprimindo uma autonomização e responsabilização sobre suas aprendizagens (Josso, 2004), reconhecendo-as como dispositivo pedagógico na formação para a pesquisa dos licenciandos em Educação Física.

Neste sentido, corroboramos com Souza (2006) uma vez que se inscrevem como processo formativo e de conhecimento tomando como âncora a experiência engendrada nas marcas do vivido e nas mudanças identitárias dos sujeitos em processo de formação e desenvolvimento, aqui descrita no itinerário da formação para a pesquisa no contexto da elaboração do trabalho monográfico.

REFERÊNCIAS

- Alves, F. S. & Carvalho, Y. M. de. (2016). A educação física no plano da experiência: implicações na pesquisa e na intervenção profissional e docente. *Pensar a Prática*, 18(1). doi: 10.5216/rpp.v18i1.28873
- Bueno, B. O., Chamlian, H. C., Souza, C. P. & Catani, D. B. (2006). Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). In: *Educação e Pesquisa*, 32(2), 385-410.
- Demo, P. (2001). *Pesquisa: princípio científico e educativo*. (9a ed). São Paulo: Cortez.
- Dewey, J. (1959). *Experiência e educação*. São Paulo: Nacional.
- Duca, G. F. D., Garcia, L. M. T., Silva, K. S. da, & Nascimento, J.V. do. (2011). Grupos de pesquisa em cursos de Educação Física com pós graduação “stricto sensu” no Brasil: análise temporal de 2000 a 2008. *Revis-*

ta Brasileira de Educação Física e Esporte, 25(4), 607-617. doi: 10.1590/S1807-55092011000400006

Ferrarotti, F. (1998). Sobre a autonomia do método biográfico. In: Novoa, A; Finger, M. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saude, (pp. 17-34).

Ferrarotti, F. (2014). História e histórias de vida. *O método biográfico nas ciências sociais*. Tradução Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRRN.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. Sao Paulo: Paz e Terra.

Josso, M.C. (2004). *Experiências de vida e formação*. Sao Paulo: Cortez.

Larrosa, J. B. (2002) Tecnologias do eu e educação. In: Tomaz, Tadeu (Ed). *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes. (pp. 35-86).

Novoa, A. (1992) A formação de professores e profissão docente. In: Novoa, A (Coord). *Os professores e sua formação* (pp. 13-33). Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Novoa, A. (2014). A formacao tem que passar por aqui: as historias de vida no Projeto Prosalus. In: Novoa, A. & Finger, M. (Eds). *O método (auto)biográfico e a formação*. (2aed). Natal, RN:EDUFRRN.

Novoa, A. & Finger, M (Eds). *O método (auto)biográfico e a formação*. (2ª ed). Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

Pineau, G. (1988). “A autobiografia no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação”. In: Novoa, A. & Finger, M. *O método (auto) biográfico e a formação*. Cadernos de Formacao1. Lisboa: Ministério da Saúde. (pp. 65-77).

Pineau, G., & Le Grand, J. L. (2012). *As histórias de vida*. Tradução Carlos Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRRN.

Ricoeur, P. (1996). *Teoria da interpretação* (70a ed). Lisboa: Edições 70

Schon, D. (1992). Formar professores como profissionais reflexivos. In: Novoa, A. (Ed.) *Os professores e a sua formação* (pp.77-91) Lisboa: Dom Quixote.

Souza, E. C. D. (2006). *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA; UNEB.